Decifrando o Boi de Mamão

No extremo sul da ilha de Santa Catarina, entre os morros íngremes e a baia azul, vinte crianças pequenas preparam uma apresentação para seus pais e avôs. Cabeças e troncos aparecem acima de fantasias coloridas de papel machê e tecido: Bento fica dentro de um boi vermelho; uma amiga dentro de um tucano e um amigo dentro de um urubu. Tem um vaqueiro vestido de um cavalo xucro, uma cabra, e o bicho emblemático do Boi de Mamão: a Bernunça. Meio dragão, meio jacaré, com uma boca imensa para devorar crianças, a Bernunça chega a vida com quatro meninas dentro dela. Uma segunda Bernunça é menor, mas su rabo é animado pela professora da turma.

O boi de mamão é o símbolo da cultura popular do litoral de Santa Catarina: é uma brincadeira comunitária que junta os vizinhos durante as festas juninas, eventos de bairro, e nas escolas. Incorpora fantasias e interpretação com narrativas e música para chegar a ser um performance participativo e agregador. Tradicionalmente, é praticado por adultos, mas agora muitas escolas ou grupos comunitários infantis fazem Boi: o Boi da NEIM da Caeira da Barra do Sul é um dos primeiros feitos por crianças na primeira infância.

Centro da festa escolar, o boi das crianças chamou atenção da Barra inteira: mais de cem pais, mães, avôs, e vizinhos chegaram para assistir o espetáculo numa tarde de sexta-feira. Algumas crianças interpretaram seus papeis com o entusiasmo e tempo cómico de atores natos; outros mostraram a vergonha encantadora de algumas criança de três anos de idade. Irmão menores surgiram do público para dançar e cantar juntos.

E enquanto ri e aplaudi com os familiares das crianças, percebi pela primeira vez o poder do Boi de Mamão: não só como o folklore da ilha, mas como uma forma de re-viver a história de Florianópolis.

Se me perdoam, vou chegar no Boi através de outro arquipélago, bem longe do litoral sul do Brasil: Na idade de bronze, muitas comunidades, cidades, e culturas viveram nas ilhas e terras ao redor do Mar Ageu. Segundo alguns estudiosos, o ato que juntou essa grande diversidade, transformando os vários povos da região em um povo unido que se chamava Hellas (ou Grécia), e um poema.

A *Ilíada* conta a história da guerra que os povos gregos fizeram contra Troia: exigiram a devolução da Helena ao seu marido, uma guerra brutal que funda o machismo no ocidente. Muito mais interessante que a guerra em si é a história que Homero conta: A *Ilíada* é uma salada de muitos elementos, linguagens, mitos, e histórias dentro do mesmo epopeia. Na Grécia antiga, cada cidade tinha seu herói ou heroína cultural, uma figura real ou mítica que fundou a cidade ou deu sentido para ela; na *Ilíada*, todas essas figuras chegam para participar na mesma luta. Deuses e deusas, semi-deuses, grandes guerreiros… todos no mesmo poema. Quando o herói de uma cidade entrou na epopeia da *Ilíada*, essa cidade chegou a se considerar grega. O poema tem o papel de uma constituição moderna, marcando a participação de grupos diferentes como parte de um povo comum.

Não sou da Ilha de Santa Catarina; não cresci com o Boi de Mamão ou a Festa do Divino. Eu vim de outro país já adulto, e confesso que por muitos anos, achei o Boi uma confusão, uma folklore sem história coerente

ou arco narrativo. Mas enquanto aplaudia com as mães e os pais, percebi meu grande erro. **O Boi de Mamão é a Ilíada do litoral Sur:** sua história, sua forma de agregar os novos habitantes da Ilha, marcar seu lugar, e criar um *demos* (um povo).

As narrativas dos povos que habitavam esse continente antes da invasão europeia descrevem muitas curiosidades sobre os invasores: sua roupa, suas armas, sua língua… mas também os cavalos e os bois que trouxeram nos navios. Como em muitas expressões da cultura popular brasileira, são essas as figuras que abrem o espetáculo.

O Arauto — com o papel do coro no teatro grego — abre o performance, apresentando o boi como um brincalhão que "dança, cabrioleia, pula, rola e é muito assanhado… [P]arece uma coisa
divina." O Boi das crianças da Caeira não tem a figura do Padre, mas no roteiro de outro Boi, captado por pesquisadores da USFC, esse sacerdote interrompe o Arauto para condenar essa frase (uma coisa divina) como divinização da natureza. Já desde os seus primeiros momentos, o Boi está tentando lidar com os conflitos teológicos da colonização, a tentativa da igreja de reprimir a espiritualidade dos indígenas e dos africanos escravizados.

O boi das crianças adoece e morre do mal olhar — elemento essencial de todas a versões do Boi de Mamão — e o dono manda chamar o médico. O doutor é incapaz de curar o boi — em algumas versões do roteiro, até acusa o dono e o vaqueiro de embriagar o boi com cachaça — mas a benzedeira chega e ressuscita o bicho onde o médico não podia. Não é difícil ver o conflito entre o saber popular e o conhecimento "científico" e europeu nesse trecho, com o performance e o público firmemente ao lado da benzedeira.

A ressurreição do boi pela benzedeira abre campo para um caos narrativo que sempre me incomodava no Boi de Mamão: aparecem animais — as vezes gorilas, ursos e lobos, um urubu que veio comer da carcassa do boi. As crianças na Caieira também fizeram um tucano em honra de um filhote de tucano que cuidaram na escola. No Boi feito na escola do Pântano do Sul, as crianças inventaram um Preá de Moleques do Sul, um pequeno roedor em perigo de extinção — ele só vive numa ilhota próxima a onde muitos familiares pescam. Depois, como em todos os Bois da Ilha, chega a Maricota — alta, loira, com braços logos e desengonçados. Embora as figuras podem ser interessantes ou assustadores e sua feição uma verdadeira obra de arte, não parecem pertencer a mesma história que o boi.

Porém, para quem lê a *Ilíada*, a experiência não lhe é estranha. A confusão de personagens lembra das muitas histórias dos heróis que esperam no campo de batalha embaixo dos muros de Troia.

São os novos bichos — tucano, preá — e a criatividade das crianças e seus professores que mostraram para mim que o Boi de Mamão, como os poemas de Homero, cresce e se transforma. Novos grupos fazem novos Bois e querem acrescentar sua história, seus heróis, lendas e confusões: o tucano e o preá são só pequenos exemplos de uma larga tradição.

Um outro exemplo dessa incorporação das memórias e preocupações locais no Boi, é que a benzedeira cura o boi com a ajuda de São Benedito. Um dos poucos santos negros da iconografia católica — e um símbolo importante de cultos afros em outras regiões do Brasil, como o Tambor de Criola — posso imaginar essa inclusão como uma maneira de lidar com o poder espiritual e médica dos curandeiros da diáspora africana.

O grande médico do Sul da Ilha no final do século 19, por exemplo, foi Batuel Cunha, que praticava no pé no Morro do Lampião. Ganhou um grande terreno lá como recompensa do seu sucesso como médico, coisa pouco comum para negros nessa época.

A Maricota mostra o mesmo fenómeno. Depois da saída do zoológico de animais diversos, um dançarino chega no palco, vestido de uma grande boneca loira. Seus passos giratórios jogam os longos braços por todo o salão. Essa personagem surgiu do encontro com a mulheres alemãs: loiras, altas, e sem a graça em movimento das mulheres locais, confundiram os moradores tradicionais. Uma música tradicional da Maricota ilustra essa associação com a comida alemã: "Ela é grande, um mulherão; Come arroz com feijão; Mas o que ela come para ficar tão alta; É repolho com batata."

Mas é a Bernunça, o ícone do Boi de Mamão, que mostra mais claramente como esse ritual popular esconde e mostra a história da Ilha. Para analisar isso, temos que voltar aos Açoreanos que chegaram a popular o litoral de Santa Catarina.

Com da Inquisição Espanhola, muitos judeus e novos cristãos — conversos involuntários ao catolicismo — fugiram da Espanha para Portugal. Com a chegada da Inquisição a Lisboa, fugiram de novo, essa vez para Marrocos, Istambul, Holanda, Pernambuco… e os Açores. Não todos os habitantes das ilhas eram judeus ou novos cristãos no século 18, mas persistia uma forte tradição judaica. As sinagogas, escolas e rabinos praticaram meio escondidos, mas tinha mais liberdade religiosa que nos centros urbanos do império. A coroa portuguesa mandou essa população mista para popular Santa Catarina para colonizar o litoral de Santa Catarina.

Em entrevistas com vários praticantes do Boi, me explicaram que a Bernunça é uma maneira de devir renúncia. Uma poesia de Claudio Santoro faz o mesmo argumento.

> *O berro da Bernunça*
> *batiza, anuncia*
> *Abre caminho abre*
> *a bocarranca*
> *tudo do lugar*
> *engole gole a gole*
> *e devolve num só golpe*
> *não mais o que engolira*
> *mas algo novo*
> *fruto da renúncia*
> *Abrenuntio Dominum.*

Por que a renúncia vira um monstro? Algo que assusta e engole? Todas as criança da ilha conhecem a música da Bernunça:

> *Olé Olé Olé Olé Olá*
> *Arreda do caminho que a bernúncia quer passar*
> *Estava trabalhando quando ouvi falar em guerra*

Mas era só a bernúncia que vinha descendo a serra.
Bernunça é bicho brabo, engoliu mané João;
Come pão, come bolachas, come tudo o que lhe dão."

A renúncia define o novo cristão: renunciar ao judaísmo e se afirmar como católico romano apostólico é o que abre acesso aos bens do estado português e sua colônia em Santa Catarina. É exatamente isso que a Bernuça representa: literalmente devora as crianças.

No ápice narrativo dos Bois de Mamão tradicionais, a Bernunça, animado por vários homens, mexe a imensa boca e puxa crianças para dentro. Engole, incorpora. Em algumas variações do Boi, a Bernunça regurgita a criança; em outras, Bernunça dá a luz a uma bernuncinha — um novo boneco onde a criança engolida vira ator improvisado. Essa experiência inspira medo em muitas crianças — a minha filha morria de medo da Bernunça — um medo que reflete o medo verdadeiro dos judeus devorados por uma crença inimiga… e depois transformada nela.

Diferentes versões do roteiro do boi indicam que a renúncia do judaísmo realmente fica nesse rito popular. Por exemplo, muitos atores brincam com o nome Mateus, o dono do Boi. Depois do Arauto declarar que o boi "parece coisa divina," o padre acusa Mateus de ateísmo.

O PADRE [interferindo furioso]
Pera ai, pera aí, pera ai. Isto é um sacrilégio! Dizer que um boi é divino? Tas tolo tas? Quem é o dono desse boi? Seu ateu, seu ateu, seu ateu!

MATEUS
Meu nome é Mateus, sua excelência, e não ateu. É Mateus como o nome do santo apóstolo.

Escutamos aqui o eco da defesa jurídica do novo cristão, acusado pela inquisição.

Quando a benzedeira faz a magia para ressuscitar o boi, percebemos ainda mais a base judaica do Boi:

BENZEDOR
Pelo símbolo de Salomão

PLATEIA
Pelo símbolo de Salomão

BENZEDOR
Que te benzo com a vela benta na Sexta-feira da Paixão.

PLATEIA
Que te benzo com a vela benta na Sexta-feira da Paixão.

BENZEDOR

Treze raios tem o sol
Treze raios tem a lua
Salta demônio para o inferno
Pois esta alma não é tua

O "símbolo de Salomão" é a estrela de Daví dentro de um círculo; é marca da cabala, o sistema de magia e misticismo dos judeus sefarditas da península ibérica. A "vela benta" tem um papel importante no catolicismo, mas uma vela acessa na sexta-feira é uma prática judaica, já que depois do pôr do sol na sexta-feira, não pode acender uma vela no Shabat. E finalmente, treze — "treze raios do sol… treze raios da lua" — é um número sinistro no cristianismo, mas um número divino na cabala, onde representa o número de dons de Deus para o povo de Israel.

Algumas semanas antes do Boi das Crianças na Caeira, participei de uma oficina onde Silvana Mindua, uma professora Guarani, ensinou um grupo de crianças e adolescentes como fazer uma zarabatana.

> *As crianças não podem esquecer que todos os brinquedos um dia já foi uma arte ou já foi feito para utilizar. Zarabatana, arco, fecha: brincar é representar essa história que já vem de muitos tempos atrás, de muitos anos de história. Por exemplo, a zarabatana era para pegar passarinho. Já veio de muitos tempos atrás, muitos anos atrás, 1000 anos atrás.*
>
> *O que significa uma zarabatana? Para nós foi a vida a sobrevivência nossa.*
>
> *Antigamente eles faziam por uso para usar mesmo. Mas também isso se tornava uma coisa natural de brincar para as crianças, porque assim eles observam. Os mais velhos faziam zarabatana e aí eles observavam; fazia de conta que eles faziam zarabatana para brincar.*
>
> *A gente não tem mais espaço livre para poder fazer uso, mas o que a gente pode fazer hoje é ensinar o significado do artesanato: cestaria, zarabatana, arco e flecha. É arte indígena.*

Para quem prefere um teórico mais europeu, Walter Benjamin escreveu algo parecido há cem anos:

> *Com freqüência, a assim chamada arte popular é apenas o resíduo de bens culturais que se renova ao ser assimilado a uma colectividade mais ampla… é exatamente através desses ritmos [de brincar] que pela primeira vez nos tornamos senhores de nós mesmos. (Walter Benjamin, Reflexões sobre a criança, o brinquedo, e a educação. SP: Editora 34, 2002. pp 100-101)*

De algum jeito, o que sugiro aqui é que o Boi de Mamão é uma zarabatana. A colonização roubou dos Guaranis o espaço para caçar, mas o brinquedo subsiste como maneira de manter a cultura e a memória. A igreja reprimiu o judaísmo e seguiu perseguindo os novos cristãos, mas eles esconderam sua cultura no brinquedo do Boi. A medicina hegemónica tirou a autoridade das bruxas, as benzedeiras, e os curandeiros e médicos afro-brasileiros, mas algo desse passado fica vivo e escondido na brincadeira.

Durante um performance do Boi na escola do Pântano do Sul, uma senhora me contou como ela e os amigos brincaram de Boi de Mamão quando eram crianças. Nessa época, os homens da comunidade ainda

prefaciaram a Farra do Boi — uma tourada tradicional que depois foi proibida por lei — e em Junho, as crianças desenterraram a caveira do boi, colocaram num formigueiro para limpar, e usaram a caveira como cabeça do boi de mamão. Essa prática infantil transformou a "coisa" — o boi assustador cuja carne é essencial para a sobrevivência da comunidade — em brinquedo. O boi sacrificado na Farra ressuscita no brinquedo, igual como o boi de Mateus é ressuscitado pela benzedeira.

Alguns intérpretes dizem que a tortura do boi na Farra representa os castigos de Judas — representante dos judeus em muitas formas de catolicismo. Entrevistas da época indicam que os homens que fizeram a Farra descreveram sua atividade como "judiar" do boi — palavra comum no Português popular, mas poderoso nesse contexto.

Na tradição rabínica, o grande ritual de sacrifício dos bois acontece na semana de Sucot: como São João no Brasil, Sucot é o festival da safra. Antes da destruição do Templo em Jerusalem, os sacerdotes mataram 70 bois no Sukkot, e sua carne forneceu a comida para os churrascos do festival.

> *"O Talmude observou que o número de touros somava um total de 70, ou o equivalente, na linguagem rabínica, ao número de nações gentias na Terra. Para os rabinos, doravante, a profusão de touros constituía uma oração fervorosa em favor do mundo não judaico… Os touros serviam para expiar a má conduta dos gentios… esse ritual era elaborado não para a conversão dos gentios, mas para o seu bem-estar." (https://www.jtsa.edu/torah/the-seventy-bulls-of-sukkot/)*

O sacrifício dos 70 bois é o ritual que garante a sobrevivência do mundo. Para os Guaranis — moradores tradicionais do litoral onde agora pratica o Boi de Mamão — a reza, da dança, e o canto também garantem a sobrevivência do cosmos (ou nas palavras elegantes do Airton Krenak, "adiam o fim do mundo.").

Não quero insistir que o Boi de Mamão é um sincretismo entre judaísmo e a espiritualidade Guarani — embora sim, quero apresentar essa possibilidade. O que quero reivindicar nesse texto brincalhão é a brincadeira em suas muitas formas, adulta e infantil, como uma forma de relembrar e reviver o passado. No roteiro do Boi de Mamão, a benzedeira ressuscita o boi. No Boi de Mamão do Pântano do Sul, a brincadeira das crianças "ressuscitava" o boi da Farra como brinquedo. A prática do Boi de Mamão dá uma continuidade simbólica do judaísmo dos sefarditas e representa o grande insight guarani que o brinquedo é o resquício do passado.

A minha inquietação com o Boi de Mamão, a sensação que faltava coerência e arco narrativo, só mostra que eu não entendia o que estive assistindo — pensei que uma brincadeira era um espetáculo. O Boi não é uma obra de teatro, nem um baile, nem um show musical. É uma brincadeira — o que quer dizer que é ritual, história, ressurreição, e alegria.